



SEÇÃO: LIBERA

As ações de Penélope: a releitura do mito na obra *A vida submarina*, de Ana Martins Marques

Penélope actions: the repeal of myth in Ana Martins Marques The Underwater life

**Junia Paula Saraiva
Silva¹**

orcid.org/0000-0002-4019-1169
juniamentes-barbosa@hotmail.com

Recebido em: 01/11/2019.
Aprovado em: 27/04/2021.
Publicado em: 22/09/2021.

Resumo: A mítica personagem Penélope de Homero faz parte do imaginário de diversos autores contemporâneos, como é o caso da poetisa Ana Martins Marques. A autora realiza uma releitura do clássico mito em seis poemas que compõem a obra *A vida Submarina* (2009). Marques transforma a seleção de poemas em uma saga que discute questões como a condição humana em sociedade, assim como propõe uma discussão acerca da escrita e do fazer poético. Diante desse contexto, consideramos que a autora transforma a espera de Penélope em uma força ativa que transforma a personagem em protagonista da sua própria história.

Palavras-chave: Espera. Tecer. Escrita. Angústia.

Abstract: The mythical character Penelope de Homero makes the imagination of several contemporary authors such as the poet Ana Martins Marques. The author rereads the classic myth in six poems that make up the work "The Submarine Life" (2009). Marques transforms the selection of poems into a saga that discusses issues such as the human condition in society as well as proposes a discussion about writing and making poetry. Given this context, we consider that the author transforms Penelope's expectation into an active force that transforms the character into the protagonist of her own story.

Keywords: Waiting. To weave. Writing. Anguish.

Introdução

A obra *A vida submarina* (2009), da autora mineira Ana Martins Marques, é composta por uma seleção de poemas que integram a temática da obra. Entretanto, em meio aos poemas constituídos por elementos marítimos, encontramos uma sequência que foge ao tema proposto e que compõem uma saga à parte em sua obra: ao todo são seis poemas intitulados "Penélope", distribuídos ao longo da obra.

Os poemas são elaborados de forma leve, com palavras bem escolhidas que trazem uma sobreposição de sentidos. A saga "Penélope" diz respeito a questões complexas como o amor e suas armadilhas, aos perigos e riscos enfrentados na vida, assim como questões relacionadas à solidão, à angústia e ao processo de escrita criativa.

Segundo o estudioso Gilbert Durant (1984), os mitos fazem parte de um significativo núcleo do imaginário no qual representam um sistema dinâmico de símbolos assim como de arquétipos que possuem "a capacidade de irrigar não importa qual momento histórico" (MONNEYRON; THOMAS, 2002, p. 81). Dessa forma, podemos considerar os mitos como



¹ Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), Belo Horizonte, MG, Brasil.

uma conservação da memória social, na qual estão representados em seu núcleo os arquétipos que permeiam o imaginário humano desde as civilizações antigas até a modernidade.

De acordo com a pesquisadora Jacqueline Fabre-Serris (1988), são os poetas que possuem a melhor capacidade de atualizar os mitos antigos, retratando-os de acordo com as novas imposições morais, assim como novas concepções filosóficas e políticas de uma sociedade em constante mutação. Nesse sentido, podemos compreender o interesse em reinterpretar o mito de Penélope, principalmente no que diz respeito a tirar a personagem de seu papel secundário na obra de Homero.

A figura da emblemática Penélope da obra *Odisseia* de Homero (1996) ocupou o imaginário de algumas autoras brasileiras que se preocuparam em retratar o mito de Penélope em seus escritos, como a escritora Clarisse Lispector na obra *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres* (1998), na qual a personagem de Homero se transforma em Lori, uma personagem subversiva que vive um romance fora dos padrões convencionais com um homem chamado Ulisses. A obra de Lispector também aborda a questão da espera discutida em *Odisseia*, em que a narrativa retrata o longo processo de espera das personagens e quando finalmente poderão aproveitar uma verdadeira troca afetiva entre os dois. A autora Cecília Meireles também dedicou algumas de suas obras à figura mitológica de Penélope, como fica evidente no poema "A pequena aldeia" (2001), no qual a autora reforça o mito sobre a figura da tecelã.

Na obra *A vida Submarina* (2002), Ana Martins Marques tece um novo contorno ao mito de Penélope, colocando a personagem com voz ativa em sua própria narrativa, estabelecendo um diálogo entre a tradição e a modernidade ao retratar uma personagem mítica sobre a perspectiva de questões atuais a respeito da subjetividade humana.

Os poemas da saga "Penélope" dentro da obra *A vida submarina* são enumerados, o que remete a uma ideia de continuidade. O primeiro poema da saga "Penélope (I)" aparece no quinto capítulo da obra intitulada de "Exercícios para a noite e para o dia", seguido por "Penélope (II)". O poema

"Penélope (III)", aparece no capítulo "Cadernos de Caligrafia", e o (IV), (V) e (VI), fazem parte do último capítulo, que possui o mesmo nome da obra: "A vida submarina". Notamos que não existe uma padronização no que diz respeito à extensão, ao ritmo que a autora emprega, assim como ao uso da rima ou à construção de imagens.

Os poemas da saga "Penélope" lidos em sequência fornecem ao leitor a carga de narratividade que proporciona a sensação de uma história com início, meio e fim. Os poemas podem ser lidos separadamente e ainda assim conservarão seu propósito. Entretanto, para esta análise, consideraremos os poemas como uma sequência, dessa forma, propomos sua leitura a seguir:

Penélope (I)

O que o dia tece
a noite esquece.
O que o dia traça
a noite esgarça.
De dia, tramas,
de noite, traças.
De dia, sedas,
de noite, perdas.
De dia, malhas,
de noite, falhas (MARQUES, 2009, p. 89).

Penélope (II)

A trama do dia
na urdidura da noite
ou a trama da noite
na urdidura do dia
enquanto teço:
a fidelidade por um fio (MARQUES, 2009, p. 105).

Penélope (III)

De dia dedais.
Na noite ninguém (MARQUES, 2009, p. 125).

Penélope (IV)

E ela não disse
já não te pertenço
há muito entreguei meu coração ao sossego

enquanto seu coração balançava em viagem
 enquanto eu me consumia
 entre os panos da noite
 você percorria distâncias insuspeitadas
 corpos encantados de mulheres com cujas línguas
 estranhas eu poderia tecer uma mortalha
 da nossa língua comum.
 E ela não disse
 no início ainda pensei em você
 primeiro como quem arde diante de uma fogueira
 apenas extinta
 depois como quem visita em lembrança a
 praia da infância
 e então como quem recorda o amplo verão
 e depois como quem esquece.
 E ela também não disse
 a solidão pode ter muitas formas,
 tantas quantas são as terras estrangeiras,
 e ela é sempre hospitaleira (MARQUES, 2009,
 p. 134)

Penélope (V)

A viagem pela espera
 é sem retorno.
 Quantas vezes a noite teceu
 a mortalha do dia,
 quantas vezes o dia
 desteceu sua mortalha?
 Quantas vezes ensaiei o retorno –
 o rito dos risos,
 espelho tenro, cabelos trançados,
 casa salgada, coração veloz?
 A espera é a flor que eu consigo.
 Água do mar, vinho tinto – o mesmo copo
 (MARQUES, 2009, p. 140).

Penélope (VI)

E então se sentam
 lado a lado
 para que ela lhe narre
 a odisseia da espera (MARQUES, 2009, p. 142).

Conforme dito anteriormente, a releitura do mito de Penélope proposta por Ana Martins Marques confere voz a uma personagem silenciada

ao longo da história, conforme podemos perceber no trecho do poema "Penélope (IV)": E ela não disse..." (MARQUES, 2009, p. 134). A obra *A vida submarina*, na qual a saga "Penélope" faz parte, alude à temática de um mundo silencioso de forma geral em sua seleção de poemas, ao remeter a elementos do fundo do mar, oferecendo ao leitor a perspectiva obscura de vidas insondáveis, como no caso dos poemas que compõem a saga.

Ao retratar o mito de Penélope com voz ativa em seus poemas, a poetisa desloca a visão habitual sobre a personagem de Homero, retratada ao longo do tempo como símbolo do paradigma da esposa ocidental exemplar: aquela que pacientemente aguarda o retorno do seu marido, sempre saudosa, amorosa e fiel. De acordo com o pesquisador Junito Brandão (1991) a imagem do mito de Penélope, sempre associada à percepção de esposa "ideal", não é gratuita, especialmente devido à representação que se tinha das mulheres no mundo grego, sobretudo em Esparta, associadas à "personificação de todas as "virtudes conjugais" (BRANDÃO, 1991, p. 257).

A poetisa Ana Martins Marques confere uma nova representação para a figura de Penélope, tirando a personagem do lugar passivo e silenciado conferido a personagem ao longo do tempo. Na releitura da autora mineira, a personagem ganha autonomia e controle sobre o seu próprio destino, traçando-o de forma a empreender sua própria Odisseia.

Segundo Denise de Carvalho Dumith (2012) a atitude de Penélope era subversiva para sua época considerando que, no seu tempo, as mulheres não tinham direitos sobre seus próprios corpos. A ousadia de Penélope se negando a escolher um novo marido e, dessa forma, decidindo sobre seu corpo e seu destino, mostra a força de uma personagem colocada indevidamente em segundo plano.

Diante do exposto, percebemos que a autora Ana Martins Marques busca em sua releitura do mito de Penélope retratar sob uma nova perspectiva uma personagem silenciada. A Penélope da obra *A vida Submarina* é reflexiva, audaciosa e coloca em pauta questões que permeiam a existência humana em sociedade. Dessa forma, a autora propõe uma importante reflexão da con-

dição do homem enquanto ser social da mesma forma que traça um paralelo com o fazer poesia e o processo de escrita.

O agir de Penélope: da espera ao engodo

Penélope

O triste de nossas Odisseias

É a obrigação cumprida

Sem os braços de Penélope (NICANOR, 2006).

Segundo o pesquisador Ricardo Nonato Silva (2011), o mito de Penélope indicou durante um longo tempo um modelo de comportamento feminino ideal a ser seguido pelas mulheres, no qual a representação do padrão de lealdade e do símbolo do doméstico foi um viés amplamente explorado pelos estudiosos de gênero que cristalizaram determinadas imagens empreendidas pela revisão dos mitos ou arquétipos femininos eleitos pela cultura patriarcal. Para o autor, essas imagens estão ganhando novas significações e problematizações, como no caso da saga "Penélope", da autora Ana Martins Marques, que ressignifica o mito de "Penélope" ao retratá-la como símbolo de força no lugar da sua costureira imagem de esposa submissa.

Na obra *Odisseia*, a personagem Penélope é um agente secundário na história do seu marido Odisseu. Sua relevância se dá apenas por conta do seu casamento. Na narrativa de Homero, segundo Junito Brandão (1991), assim que Penélope atingiu a idade para se casar seu pai a promete em casamento para o vencedor de uma corrida de carros, dessa forma, Penélope é oferecida como esposa a Odisseu por seu pai Icário após o herói vencer uma disputa por sua mão. Na narrativa, após pouco tempo de casados, Odisseu precisou ir à Guerra de Tróia, iniciada quando o Príncipe troiano Paris rapta a bela Helena, esposa do Rei de Esparta Menelau que, por esse motivo, volta-se contra Tróia. A guerra dura 10 anos e o regresso de Odisseu para sua casa, assim como de muitos gregos, com suas tribulações e desafios, leva o mesmo período de tempo. Diante disso, a perso-

nagem Penélope trava uma grande odisseia de espera por seu marido que dura 20 anos.

Durante esse tempo, instaura-se a dúvida sobre o retorno de Odisseu, que desencadeia uma série de nobres pretendentes com o intuito de desposar Penélope e, assim, usufruir da riqueza deixada pelo herói. Como uma forma de postergar a escolha indesejada por um dos seus vários pretendentes, Penélope alega a obrigação de tecer uma mortalha ao seu sogro Laertes, no qual sua escolha por um pretende seria feita apenas ao término da tessitura. Dessa forma, a personagem passa o dia tecendo a mortalha e desmancha seu trabalho durante a noite para postergar, com essa estratégia, a escolha por um novo marido. Diante disso, compreendemos que Penélope empreendeu, de certa forma, uma odisseia semelhante a de seu marido Odisseu, no entanto, no caso de Penélope, trata-se de uma "Odisseia da espera".

À vista disso, a personagem se envolve em três importantes ações que são exploradas na obra de Ana Martins Marques: a espera, a tessitura e o engodo. A espera está ligada à experiência do tempo assim como à ausência de algo ou alguém, ligando-se, também, à angústia de imobilidade ou mesmo de falta de ação.

Na releitura da Penélope na obra *A vida submarina* o ato de esperar da personagem transforma-se em uma escolha e, dessa forma, representa um ato de resistência contra a imposição de um novo casamento, assim como representa a maneira da personagem de controlar seu próprio destino se livrando de algo indesejado. No entanto, mesmo o ato de esperar representando uma escolha, a personagem não é isenta de angústia, conforme exposto no poema "Penélope (V)": "A viagem pela espera é sem retorno" (MARQUES, 2009, p. 140). O ato de esperar acarreta angústia de tal forma para a personagem, que escapam a ela todos os resquícios de esperança, conforme o verso: "A espera é a flor que eu consigo. Água do mar, vinho tinto – o mesmo copo" (MARQUES, 2009, p. 140).

No seu ato de espera, a reflexiva Penélope da poetisa mineira explora as facetas angustiantes e solitárias da condição humana. De acordo com o filósofo Jean Paul Sartre (1997), a angústia é um

sentimento inerente à condição do homem devido ao fato de ser algo constituinte do homem enquanto ser social. De acordo com o psicanalista Sigmund Freud (2011), grande parte dessa angústia é acrescentada ao homem pela sociedade e por suas imposições. Dessa forma, consideramos que o ato da espera de Penélope na releitura de Ana Martins Marques constitui como uma reflexão da condição humana em sociedade, visto que, a espera constitui como uma ação subjetiva e solitária assim como se constitui como uma ação demorada e, portanto, dolorosa. Sendo assim, consideramos que a jornada do homem em sociedade se assemelha à jornada da espera de Penélope.

O poema "Penélope (VI)", o último da saga na obra *A vida submarina*, conduz a uma reflexão a respeito dos efeitos e dos significados do ato de esperar. A espera enquanto ação produz na personagem um amadurecimento que a permite ao fim da sua jornada compartilhar sua experiência, conforme exposto no trecho que se segue: "E então se sentam, lado a lado, para que ela lhe narre, a odisseia da espera" (MARQUES, 2009, p. 142).

Em relação a segunda ação de Penélope, a tessitura, consideramos que em seu ato de tecer e destecer, fio por fio, a personagem buscava um significado para sua ação, como uma espécie de necessidade de pensamento. Penélope pensava o pensamento conforme postulado pela autora Hannah Arendt:

Daí se depreende que o pensamento é como a teia de Penélope: desfaz-se toda manhã o que se terminou de fazer na noite anterior. Pois a necessidade de pensar jamais pode ser satisfeita por *insights* supostamente precisos de "homens sábios". Essa necessidade só pode ser satisfeita pelo próprio pensamento, e os pensamentos que tive ontem irão satisfazer essa necessidade hoje apenas porque quero e porque sou capaz de pensá-los novamente (ARENDR, 2010, p. 107).

De acordo com o pensamento da autora acerca do mito, a personagem ligava-se ao futuro, ao ato de pensar. O mesmo fio que tece o tecido é também o fio de pensamento que cria e descreia, sempre no ritmo cíclico de criar e descreia, o fio do pensamento e da razão. Conforme atribuído por Hanna Arendt, é também o fio da escrita que

sempre se mostra complexo, desafiador, composto por ambiguidades e imagens múltiplas que se fazem e desfazem dia e noite.

O ato de tecer é caracterizado por Durand (2002) como uma característica do porvir em direção a um destino menos penoso, conforme aparece em "Penélope (V)": "Quantas vezes ensaiei o retorno – o rito dos risos" (MARQUES, 2009, p. 140). Esse porvir também poderia significar um destino em direção à morte ainda exemplificado em "Penélope (V)": "Quantas vezes a noite teceu a mortalha do dia" (MARQUES, 2009, p. 140). De acordo com Junito Brandão (1991), a ideia de vida e de morte é inerente à ação de fiar.

O ato de tecer e de fiar pode ser considerado como uma metáfora para o ato de escrever dentro da saga "Penélope" na releitura de Ana Martins Marques. Dessa forma, podemos considerar o poema "Penélope (I)" como um escrito sobre a ação de escrever e de criar, visto que, o tecer e o destecer da personagem podem representar o criar e o descreia, assim como, as angústias e as frustrações provenientes desse processo. Consideramos que a personagem sentia grande frustração todas as noites ao desfazer seu trabalho e recomeçá-lo novamente pelas manhãs. Essa frustração é retratada no poema "Penélope (I)": "O que o dia tece a noite esquece. O que o dia traça, a noite esgarça" (MARQUES, 2009, p. 89).

O poema "Penélope (III)", o mais curto da saga de Ana Martins Marques, representaria a solidão de um escritor em seu processo criativo, conforme podemos perceber nos versos: "De dia dedais. Na noite ninguém" (MARQUES, 2009, p. 125). Os versos curtos do poema representam o árduo trabalho do escritor em sua jornada solitária, assim como da personagem Penélope. A solidão no processo de escrita também pode ser lida em "Penélope (IV)": "A solidão pode ter muitas formas" (MARQUES, 2009, p. 134). Esse trecho do poema representa a experiência do abandono como fonte criativa inesgotável.

A terceira e última ação de Penélope, o engodo, diz respeito ao ato de destecer. De acordo com Denise de Carvalho Dumith (2012), o destecer configura como o ato mais importante

da personagem visto que "a força desse feito ultrapassa a simples literalidade de desfazer uma tela, porquanto revela uma atitude mental..." (DUMITH, 2012, p. 57). O engodo na releitura de Ana Martins Marques poderia ser considerado, também, como ato "descritura" seguindo a lógica da ação de tecer como analogia à escrita.

Diante do exposto, a saga "Penélope" dentro da obra *A vida submarina*, da autora mineira Ana Martins Marques, torna-se um convite para que os leitores escutem a voz de uma personagem silenciada, assim como conheçam o outro lado da famosa história de Odisseu. Em sua releitura do mito de Penélope, a poetisa confere à personagem o mesmo título de herói conferido ao personagem de Homero, no qual Penélope também possui uma história heroica e grandiosa para contar.

A Penélope da poetisa possui a voz que foi retirada dela na versão do marido, no qual um lamento e uma queixa pelo silenciamento forçado aparecem em tom mais confessional nos poemas "Penélope (IV)" e "Penélope (V)" conforme os trechos a seguir: "E ela não disse", "E ela não disse", "E ela também não disse" (MARQUES, 2009, p. 134). Os trechos revelam um sentimento de ressentimento e desgaste pela história nunca contada. Entretanto, o último poema da saga demonstra que, finalmente, sua história pôde ser contada e ouvida. Pôde ser contada visto que, conforme dito anteriormente, a "odisseia da espera" proporciona maturidade para a personagem contar sua experiência e, para além disso, na releitura da poetisa, Penélope não precisa se silenciar para que a história do marido seja ouvida como a mais relevante considerando que, a "odisseia da espera" também é uma jornada árdua.

Considerações finais

A autora Ana Martins Marques, ao ser questionada sobre o seu processo de escrita pelo jornal *Rascunho em 2016*, descreve quais as condições ideias para sua escrita: "Solidão. Silêncio. Café. E tempo". E quando a inspiração não aparece: "faço anotações, leio, retomo textos antigos. E espero. Esperar é parte da escrita também." (2016) A autora considera a espera, como um

trabalho. Diante desse contexto, podemos notar a inspiração da autora na releitura do mito, e sua intrínseca relação com o ato de escrever e a tessitura de Penélope.

A reflexiva Penélope da poetisa mineira, aponta para a necessidade de se pensar a forma de existir em sociedade, na qual odisséias travadas em silêncio e de forma solitária, representam o modo da existência contemporânea. Para além disso, a autora devolve voz para aqueles que foram silenciados por muito tempo.

De acordo com Dumith (2012), na história de Homero, a personagem Telêmaco, símbolo da sociedade patriarcal da época, não concedia de forma alguma a palavra a Penélope, o que é feito por Odisseu, que lhe outorga a voz, a escuta e a considera. No entanto, a história da Odisseia, não considera a saga de Penélope, por mais que seu personagem principal o faça, mesmo que sendo, ainda segundo Dumith (2012), no local mais privado do lar: o leito nupcial. Essa voz perdida no tradicional texto de Homero é recuperada na obra de Ana Martins Marques.

A Penélope tecedora e astuciosa, em sua espera e exílio, trava um embate contra as imposições da sociedade da forma que foi possível para sua época. De certa maneira, a personagem questionava os padrões comportamentais impostos para ela pelo fato de ser mulher. Segundo a filósofa Marcia Tiburi, em entrevista à TV Brasil (MARCIA..., [2014]), aquilo que se chama "mulher", foi construído pela marca fundamental da cultura, que é o patriarcado, dessa forma, os homens que produziram "a coisa mulher". Assim, o novo arranjo da personagem Penélope questiona essa imposição do estereótipo feminino criado pelos homens, da "coisa mulher" que foi imposto a ela, e a transformou em símbolo de passividade e esposa ideal.

A autora Ana Martins Marques, conduz o leitor para outra importante questão: o fazer poesia e seu processo criativo, assim como aborda a angústia envolvendo esse processo. Sua personagem é guardiã de memórias e de esquecimentos da mesma forma que a poesia. Em seus relatos, tanto da personagem, como na poesia, se faz presente a razão de seus versos, falas e seus silêncios.

Referências

BRANDÃO, Junito. *Dicionário mítico-etimológico*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1991. v. 2.

DUMITH, Denise de Carvalho. *O mito de Penélope e sua retomada na literatura Brasileira*: Clarice Lispector e Nélide Piñon. 2012. Tese (Doutorado em Estudos de Literatura) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2012.

DURAND, Gilbert. *Les structures anthropologiques de l'imaginaire*. 10. ed. Paris: Dunod, 1984.

FABRE-SERRIS, Jacqueline. *Mythologie et littérature à Rome: la réécriture des mythes aux Iers. siècles avant et après J.-C.* lausanne: Payot, 1998.

FREUD, Sigmund. O mal estar na civilização. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011.

HOMERO. *Iliada*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.

LISPECTOR, Clarisse. *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*. Organização Yolanda Lobo. 1. ed. São Paulo: Rocco, 1998.

MARCIA Tiburi no Entre o Céu e a Terra. [S. l.]: *Tv Brasil*, 16 dez. 2014. (1 h 01 min 29 s), son., color. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?annotation_id=annotation_104990117&feature=iv&src_vid=bNzJufpeeto&v=xgnj6wv3tfE. Acesso em: 1 mar. 2018.

MARQUES, Ana Martins. *A vida Submarina*. Belo Horizonte: Scriptum, 2009.

MARQUES, Ana Martins. Uma coisa pequena, fugaz. In: *Rascunho*. 2012. Disponível em: <http://rascunho.com.br/uma-coisa-pequena-fugaz>. Acesso em: 2 jan. 2018.

MEIRELLES, Cecília. Uma pequena aldeia. In: *Poesia completa (1918-1964)*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

MONNEYRON, Frédéric; THOMAS, Joël. *Mythes et littérature*. Paris: [s. n.], 2002.

NICANOR, Luis. Penélope. In: *Poemas no ônibus*. 13. ed. Porto Alegre: 2006.

SARTRE, Jean-Paul. *O Ser e o Nada*. Petrópolis: Vozes, 1997.

SILVA, Ricardo Nonato Almeida de Abreu. Novas Penélopes: a rasura de um mito na literatura de autoria feminina. In: SEMINÁRIO NACIONAL MULHER E LITERATURA, 14., 2011, Brasília. *Anais* [...]. Brasília, 2011.

Endereço para correspondência

Junia Paula Saraiva Silva
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais
Av. Dom José Gaspar, 500
Coração Eucarístico, 30535-000
Belo Horizonte, MG, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela Poá Comunicação e submetidos para validação da autora antes da publicação.

Junia Paula Saraiva Silva

Mestre em Literaturas de Língua Portuguesa pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), em Belo Horizonte, MG, Brasil; como bolsista Capes; doutoranda em Literatura pela PUC Minas, como bolsista CNPQ; e graduada em Psicologia pela mesma instituição.